

Uma sociologia da sociedade de risco

The politics of risk society,
edited by Jane Franklin. Polity Press/Institute for Public Policy Research,
London, 1998.

Aico Sipriano Nogueira*

“As origens da sociedade de risco podem ser traçadas a partir de duas transformações fundamentais, as quais estão afetando hoje as nossas vidas. Cada uma é ligada à crescente influência da ciência e da tecnologia, apesar de não inteiramente determinada por elas. A primeira transformação pode ser chamada o fim da natureza; e, a segunda, de o fim da tradição”. (Giddens, A. pp. 26-27)¹

The *Politics of Risk Society* é uma coletânea de textos que se originou de uma conferência, em março de 1996, organizada pelo *Institute for Public Policy*

Research, em Londres, e que ainda não foi publicada no Brasil. Nela se tentou indicar como o tema da ‘sociedade de risco’ tem se infiltrado no debate público e influenciado pesquisadores das mais diversas áreas. O livro conta com a contribuição de catorze autores e oferece interessante panorama de uma teoria que se tem popularizado crescentemente nos últimos anos.

A noção de ‘sociedade de risco’ surgiu primeiramente nos escritos de Ulrich Beck e Anthony Giddens, autores que também contribuem com textos para essa coletânea, a partir de um conjunto de idéias que têm como ponto de partida a discussão que ambos fazem sobre o conceito de modernidade.

Segundo essa visão, o momento em que vivemos seria não o advento de uma nova

*Doutorando do Departamento de Sociologia da FFLCH - USP. Research visiting student (bolsa sanduíche) CAPES junto ao Development Studies Institute da The London School of Economics and Political Science, LSE, UK.

etapa histórica, que muitos estudiosos chamam de pós-modernidade, marcada pelo esgotamento de um momento anterior. Ao contrário, seria o instante de um aprofundamento, de uma universalização e radicalização da própria modernidade por uma segunda onda de racionalização. É a principal característica desse momento seria uma volta da modernização para si mesma; as suas conseqüências se tornariam reflexivas e seus desdobramentos apontariam não para uma pós-modernidade, mas para aspectos cada vez mais profundos dentro dela mesma, radicalmente modernos. Viveríamos, segundo essas análises, a fase de uma 'modernização reflexiva'.

Essa 'nova modernidade', ou essa 'modernidade da modernidade', que está em curso e cujos reflexos se dirigem a si mesmos, no sentido de um aprofundamento da própria modernidade da qual os avanços tecnológicos e a globalização são características, traz em si uma série de ameaças e rompe com tradicionais certezas e previsibilidades da vida social. Perigos como os ligados à ecologia, dos quais podemos citar a contaminação dos solos, da água e do ar ou mesmo a destruição da camada de ozônio universalizam-se a cada dia, passando a não conhecer fronteiras ou classes sociais e afetando todas as formas de vida do globo. Na visão de Beck, esse processo tem agido no sentido de unificar sociedade e natureza, que agora apresentam-se como um todo equivalente ao próprio planeta.

A fonte das incertezas, ainda segundo esses autores, reside na expansão do conheci-

mento, que faz com que se descubra, paradoxalmente, um mundo cada vez mais complexo. Como conseqüência desses avanços, as tradicionais maneiras de lidar com o risco se tornam, crescentemente, de difícil aplicabilidade.

É necessário também frisar que, segundo essa teoria, a 'sociedade de risco' não é necessariamente mais 'perigosa' que as formas de sociedade que a precederam, justamente por ter como uma de suas principais características o fato de ser uma das mais conscientes de si mesma como fonte dos riscos. Enquanto a sociedade industrial estava preocupada com o controle dos riscos externos, isto é, aqueles que vêm de 'fora' de seus muros, o que gerou a criação de sistemas de seguro privado e público (este associado ao estado de bem-estar social em várias partes), a sociedade moderna se confronta com os riscos emanados dos seus próprios processos de produção e conhecimento. A 'modernização reflexiva' implica, assim, uma auto-consciência sobre os limites e as contradições da própria modernidade.

Dessa maneira, a sociedade moderna se defronta com ela mesma e tanto Beck como Giddens defendem um debate em torno de futuras mudanças econômicas e tecnológicas e dos efeitos produzidos por tais mudanças dentro da idéia da reflexividade da modernidade sobre si própria.

É dentro dessa perspectiva que se encontra a grande maioria dos textos dessa coletânea. Os capítulos mais substanciais do livro, escritos por Ulrich Beck, Anthony Giddens, Stephen Tindale, Ray Phal e Anna Coote são inte-

ressantes pois introduzem as idéias essenciais da 'teoria do risco' e as aplicam a uma variedade de áreas como saúde, meio ambiente, tecnologia, ou mesmo o crescente ceticismo envolvendo a legitimidade política em decorrência dos novos riscos. Isso faz desse livro uma leitura estimulante, sobretudo pelo bom mapeamento que, principalmente esses autores, oferecem em torno de tal teoria. Contudo, embora eles ofereçam, no geral, um boa mostra das idéias e trabalhos dentro desse tema, algumas questões surgem.

A primeira delas diz respeito a transformar o 'novo' numa espécie de 'fetiche', característica que se encontra vez por outra presente em tais escritos e que, nessa coletânea, pode ser percebida principalmente no texto de Ulrich Beck. Neles, os velhos conceitos e modelos devem ser inteiramente rejeitados ou fundamentalmente transformados na busca de uma nova linguagem que dê conta de descrever e explicar essa segunda etapa da modernidade, a qual estamos vivenciando.

Todavia, na tentativa de levar a cabo tal empreitada, parece-nos estranho que ideólogos da modernidade como Beck empreguem frases como: 'A sociedade tem se tornado um laboratório do qual ninguém é absolutamente encarregado' (p.9). Não fica claro se afirmações desse tipo fazem parte apenas de uma retórica que visa expor a busca de novas relações de definição ou se isso realmente é parte de suas convicções em torno de tal teoria. Se frases desse tipo são facilmente aplicáveis aos modernos processos de produção industrial e a

certos ramos do conhecimento, tais como a engenharia genética, energia atômica e outros, tal afirmação tem muito pouco a ver com riscos decorrentes das modernas formas de relações sociais, como os novos mercados de trabalho contemporâneos. Se absolutamente ninguém é responsável, então a 'teoria do risco' colapsa na muda versão da tese da globalização; mas se ainda existem centros de controle e responsabilidade, então talvez elementos do nosso estabelecido vocabulário político e moral não são, depois de tudo, tão supérfluos.

Outro ponto a ser considerado, e não trabalhado por essa coletânea, é a noção de percepção do risco. Evidentemente, a história está repleta de exemplos de pessoas se sentindo em pânico com o desaparecimento de velhas certezas, da mesma forma como também está claro que é inerente ao conhecimento abrir mais do que fechar fronteiras. Contudo, é a construção social do risco e a maneira com que a sociedade o vive e o percebe que deve ser considerada e, infelizmente, essa questão passa ao largo nos textos apresentados.

Um último aspecto a ser observado refere-se ao caráter da grande maioria dos escritos da coletânea. Uma parte substancial do livro é composta de reproduções de jornais ou artigos de periódicos originalmente publicados no mesmo ano. Isso faz com que muito deles, devido sobretudo à brevidade com que se apresentam, careçam de um melhor desenvolvimento. É uma pena, porque faz com que o livro tenha um caráter bastante introdutório e apenas tangencie a superfície de uma teoria a

qual, contra a onda pós-modernista, insiste que ainda existem subterrâneos profundos a ser mapeados.

Não obstante esses aspectos, a leitura de muitos textos contidos nesta coletânea é bastante estimulante, principalmente em se tratando de definir conceitos-chave dessa teoria e discutir a saída que tais autores desenham para a 'modernização reflexiva'.

Para eles, a recomendação geral para a 'sociedade de risco' é que deveria haver um debate público sobre ela, além das já existentes discussões entre cientistas e outros especialistas sobre muitos dos riscos. No artigo de Anna Coote existe mesmo a defesa da quebra do círculo 'passividade/exclusão', a que a maioria da sociedade está relegada, e da necessidade de criação, especialmente em nível local, de novas formas de diálogo entre o público e os tomadores de decisões (p.128). Essa autora comenta, por exemplo, a idéia de jurados-cidadãos, grupos de indivíduos selecionados ao acaso e em torno de questões específicas (saúde ou violência, por exemplo) que, a partir de evidências mostradas pelas comunidades e após refletirem sobre essas questões, torna-se-iam uma espécie de canal de comunicação entre os níveis político e local. Coote vê idéias como essa como uma maneira efetiva de criar formas de participação e envolvimento da sociedade em torno dos riscos crescentes a que estamos sujeitos diariamente. Mas

qualquer que seja o formato, esse tipo de solução ainda carece de um debate muito mais profundo sobre mecanismos de aperfeiçoamento democrático, e que não pode se limitar apenas a resultados de processos específicos forjados pela sociedade moderna.

Tanto Beck como Giddens são claros defensores da modernidade, apesar das reflexões sobre ela mesma e também defendem mecanismos de controle dos riscos mediante debate com a sociedade, mas muitos dos outros colaboradores dão diferentes ênfases a essa questão.

Mas o interesse que essa teoria gera talvez seja devido ao fato de ela identificar uma forma de sociedade que, ao mesmo tempo em que é, na visão de seus teóricos, radicalmente nova, também é distinta daqueles cenários pós-modernos nos quais alguma coisa acontece porque nada acontece.

Tanto os pós-modernistas como os teóricos da sociedade de risco concordam que a indeterminância, a qual o moderno pensamento ocidental sempre associou com o futuro, tem agora se condensado dentro do presente. Mas enquanto alguns pós-modernistas geralmente oferecem uma antinarrativa de nossos tempos, a 'teoria do risco' insiste que é ainda possível construir narrativas que nos ajudarão a negociar as instabilidades e inseguranças que nos cercam. ■

¹ The origins of risk society can be traced to two fundamental transformations which are affecting our lives today. Each is connect to the increasing influence of science and technology, although not wholly determined by them. The first transformation can be called the end of nature; and the second the end of tradition. (Giddens, A. pp. 26-27).